

ARTIGO

“ESSE LIVRINHO IRÁ DERROTAR O PROTESTANTISMO”: POLÊMICAS RELIGIOSAS NA IMPRENSA PERNAMBUCANA (1880)

CÉSAR LEANDRO SANTOS GOMES

Mestre em História, Doutorando PPGH-UFPE, Bolsista CAPES
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0390-9303>.

PAULO JULIÃO DA SILVA

Doutor em História, Docente da UFPE
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8494-0726>.

RESUMO: A segunda metade do século XIX foi caracterizada pela disseminação de novas ideias e movimentos políticos, os quais geraram transformações significativas no plano social e cultural. No âmbito religioso, o surgimento dos primeiros núcleos protestantes de língua portuguesa propiciou um espaço fértil para o confronto ideológico com o catolicismo. Um exemplo notável desse processo ocorreu no Recife, em 1880, com a troca de publicações polêmicas e de caráter doutrinário nos jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Recife*, nas quais se destacaram o missionário presbiteriano John Rockwell Smith e autores sob os pseudônimos “Neophyto” e “Um Catholico”. Neste contexto, o presente artigo visa analisar como tais interações discursivas revelaram visões de mundo antagônicas e disputas por hegemonia simbólica. Em diálogo com a *História Cultural das Religiões* (Agnolin, 2013; Benatte, 2014; Silva, 2018) e os *Estudos Críticos Discursivos* (Amassoy, 2017; Fairclough, 2001; Van Dijk, 2023), o estudo examina as representações construídas por esses grupos religiosos, que, de forma recíproca, buscavam consolidar uma “verdade” e influenciar a opinião pública. A pesquisa pretende investigar como os discursos religiosos, enquanto expressões culturais, não apenas refletiam as tensões sociais do período, mas também contribuíam para a formação de identidades coletivas e dinâmicas culturais de poder.

PALAVRAS-CHAVES: História Cultural. Recife. Imprensa. Polêmica Religiosa

"THIS PAMPHLET WILL DEFEAT PROTESTANTISM": RELIGIOUS CONTROVERSIES IN THE PERNAMBUCAN PRESS (1880)

Abstract: The latter half of the nineteenth century was marked by the dissemination of new ideas and political movements, which spurred significant social and cultural transformations. In the religious sphere, the emergence of the first Portuguese-speaking Protestant communities created fertile ground for ideological confrontation with Catholicism. A notable example of this dynamic occurred in Recife in 1880, through the exchange of polemical and doctrinal publications in the newspapers *Diário de Pernambuco* and *Jornal do Recife*. These debates prominently featured the Presbyterian missionary John Rockwell Smith and authors writing under the pseudonyms “Neophyto” and “Um Catholico.” This article aims to analyze how such discursive interactions revealed antagonistic worldviews and struggles for symbolic hegemony. Drawing on the Cultural History of Religions (Agnolin, 2013; Benatte, 2014; Silva, 2018) and Critical Discourse Studies (Amassoy, 2017; Fairclough, 2001; Van Dijk, 2023), the study examines the representations constructed by these religious groups as they sought to consolidate their own “truths” and shape public opinion. The research investigates how religious discourses, as cultural expressions, not only reflected the social tensions of the period but also actively contributed to the formation of collective identities and cultural power dynamics.

Keywords: Cultural History, Recife, Press, Religious Polemics.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2025v83p504-533>

Recebido em: 18/11/24

Aprovado em: 17/04/25



Introdução

A segunda metade do século XIX foi marcada pela disseminação de novas ideias e movimentos políticos, refletindo a efervescência social do período (Alonso, 2002). Em 1870, foi publicado o Manifesto Republicano no periódico *A República*, no Rio de Janeiro, assinado por dissidentes do Partido Liberal, como Quintino Bocaiúva e Joaquim Saldanha Marinho (A República, 1870). Esse documento expressava o descontentamento de setores da sociedade com o governo de Dom Pedro II, fortalecendo o Movimento Republicano e incentivando a propaganda abolicionista. Paralelamente, as elites brasileiras começaram a adotar ideais de civilização e progresso, inspirados em modelos europeus, promovendo a expansão urbana e o desenvolvimento de infraestrutura (Schwarz; Starling, 2015).

Em Recife, capital da Província de Pernambuco, a modernização já se processava desde as décadas anteriores, especialmente durante a administração do Presidente da Província Francisco do Rego Barros e, posteriormente, do Conde da Boa Vista (1837-1844) (Rezende, 2005). Nesse período, foram construídas estradas, a ponte Pênsil de Caxangá e o Teatro de Santa Isabel, além de melhorias no abastecimento de água potável. As ruas foram numeradas e nomeadas, a iluminação pública a gás foi instalada e a padronização dos prédios seguiu modelos europeus (Santos, 2018).

Os ideais de progresso defendidos pelos grupos políticos e pelas elites brasileiras na segunda metade do século XIX contrastavam com a realidade concreta da época (Fausto, 2006). Discutia-se uma educação de qualidade em um contexto de acesso extremamente desigual ao ensino, com elevados índices de analfabetismo e restrito às camadas dominantes. O desejo por desenvolvimento econômico também se chocava com os profundos problemas sociais e estruturais. A economia continuava predominantemente agrícola e, embora o tráfico de pessoas escravizadas tivesse sido encerrado em 1850 e políticas graduais de abolição estivessem em curso, o Brasil ainda dependia do trabalho escravo de negros em várias atividades produtivas.¹

¹ Menciona-se, nesse contexto, a promulgação da Lei de Terras de 1850, a qual determinou que as terras públicas no Brasil seriam vendidas, o que dificultou o acesso de ex-escravos e imigrantes pobres à propriedade rural. Essa medida visava assegurar mão de obra assalariada para os latifúndios, sobretudo na cafeicultura. Paralelamente, o governo incentivou a imigração

Esse contexto político e social teve um impacto significativo sobre o campo religioso brasileiro.² Durante o Segundo Reinado, a Igreja Católica entrou em confronto com a administração imperial no episódio conhecido como a Questão Religiosa (1872-1875). Esse conflito foi intensificado pela política ultramontana³, que visava consolidar a autoridade papal e combater os “erros da modernidade”. Bispos como Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira, de Pernambuco, e Dom Antônio de Macedo Costa, do Pará, aplicaram as diretrizes do *Syllabus Errorum*, promulgado pelo Papa Pio IX em 1864, sem solicitar o beneplácito imperial. Como consequência, interditaram irmandades religiosas e expulsaram membros suspeitos de envolvimento com a maçonaria, enfraquecendo assim as relações entre a Igreja e o Estado (Gueiros, 1980).

Simultaneamente, o século XIX foi marcado pela fundação das primeiras comunidades protestantes de língua portuguesa no Brasil. Desde 1835, agentes de sociedades bíblicas estrangeiras, como Daniel Kidder e James Cooley Fletcher, visitaram o país para avaliar a receptividade da população ao protestantismo (Léonard, 2002). A partir de 1850, missionários europeus e norte-americanos chegaram ao Brasil, promovendo atividades proselitistas que resultaram na organização de comunidades, como os Congregacionais (1855), Presbiterianos (1859) e Batistas (1882).⁴ Conforme João

européia, incluindo protestantes, para ocupar as terras disponíveis. Desse modo, a lei acabou favorecendo a inserção do protestantismo no país, pois atraiu imigrantes europeus que contribuíram para a diversificação religiosa e cultural do Brasil. Cf. Py, Fábio; Pedlowski, Marcos A. “Pentecostalização assentada no assentamento Zumbi dos Palmares, Campos dos Goytacazes, RJ”. **Perspectiva Teológica**, v. 52, n. 3, p. 829–852, set. 2020. Disponível: <https://doi.org/10.20911/21768757v52n3p829/2020>.

² O Campo refere-se a um domínio ou espaço simbólico de atuação social, composto por um conjunto de posições, relações e lutas entre diferentes agentes sociais

³ O ultramontanismo (do latim *ultramontanus*, “além das montanhas”) surgiu na França, provavelmente no século XIV, para se referir aos papas italianos eleitos. Com o passar dos séculos, o conceito foi ressignificado. A partir do século XIX, passou a designar uma corrente teológica que centralizava o poder da Igreja Católica nas mãos da Cúria Romana. O dogma da Infalibilidade Papal, promulgado no Concílio Vaticano I (1869-1870), marcou o auge dessa corrente, que buscava combater os “males da modernidade” (maçonaria, protestantismo, naturalismo, etc.). No Brasil, a política ultramontana foi introduzida por volta de 1850, sendo representada por figuras como Dom Antônio Ferreira Viçoso (bispo de Mariana) e Dom Romualdo Seixas (arcebispo da Bahia) (Santirocchi, 2015).

⁴ Autores como Émile Léonard (2002) e Antonio Gouveia de Mendonça (2008) classificam a inserção do protestantismo no Brasil ao longo do século XIX em duas vertentes principais: o “protestantismo de imigração” e o “protestantismo de missão” (também denominado “protestantismo apologético”). A primeira vertente esteve relacionada às comunidades imigrantes inglesas e alemãs estabelecidas no país, que preservavam práticas religiosas e culturais de suas regiões de origem, realizavam liturgias em seus idiomas nativos e formavam enclaves destinados sobretudo às necessidades espirituais dos imigrantes. Em contraste, o “protestantismo de missão” foi introduzido por missionários estrangeiros, em especial norte-

Marcos Leitão (2008), na década de 1860, a propaganda protestante começou a se expandir em Pernambuco, principalmente por meio de colportores e mascates que percorriam as cidades vendendo Bíblias e distribuindo panfletos.

Mais de uma década depois, Recife foi palco da formação dos primeiros núcleos protestantes de língua portuguesa: a Igreja Evangélica Pernambucana, em 1873, organizada pelo colportor português Manoel José da Silva Vianna e pelo missionário escocês Robert Reid Kalley, e a Igreja Presbiteriana, em 1878, liderada pelo missionário norte-americano John Rockwell Smith. Durante a transição do Império para a República, tanto o clero quanto os intelectuais católicos intensificaram sua atuação na imprensa secular e confessional, buscando contrapor-se à crescente propaganda protestante.

Segundo Antonio Gouvêa de Mendonça (2013), a estratégia⁵ de inserção do protestantismo no Brasil desenvolveu-se em três frentes: a polêmica, a educação e o proselitismo. A polêmica, em particular, tornou-se uma expressão das disputas por espaços no campo religioso, com cada grupo buscando consolidar sua posição (Gonçalves, 2015). Nos estudos críticos discursivos e retóricos (Amassoy, 2017; Fairclough, 2001; Van Dijk, 2023), a polêmica é considerada uma estratégia que mobiliza recursos simbólicos, categoriza diferentes grupos e cria significados dentro de um contexto sociocultural específico, no qual se processam a produção, circulação e apropriação desses discursos.⁶

americanos, a partir da segunda metade do Oitocentos, com o objetivo de evangelizar a população brasileira nativa. Essa modalidade caracterizou-se pela circulação e distribuição de panfletos, livros e periódicos religiosos. No entanto, a historiografia recente tem problematizado essa classificação ao reconhecer a variedade das diferentes expressões protestantes. Autores como Lyndon Santos (2004), Karina Bellotti (2010), Fabio Py de Almeida (2016) e Paulo Julião da Silva (2024) sugerem rever essas definições, argumentando que as fronteiras entre o protestantismo de imigração e o de missão nem sempre se mostram claras. Ambas as vertentes coexistiram no mesmo contexto histórico, e algumas comunidades de imigrantes também participaram de atividades missionárias. Neste texto, ao mencionar “missionários protestantes”, faz-se referência especificamente às iniciativas protestantes norte-americanas no Brasil oitocentista, sobretudo no período de 1870 a 1899.

⁵ A noção de estratégias, conforme desenvolvida por Michel de Certeau (2009), refere-se a ações orientadas pelo princípio de controle de um espaço de poder. Dessa forma, essa noção permite compreender como os espaços não são neutros, mas sim moldados por práticas de poder que visam legitimar e perpetuar estruturas dominantes.

⁶ Com base nas abordagens de análise retórica de Ruth Amossy (2017) e crítica discursiva de Norman Fairclough (2001) e Teun A. van Dijk (2023), o discurso religioso é compreendido como um campo de disputa ideológica. Nessa perspectiva, debates e polêmicas doutrinárias refletem a luta pelo controle de significados e a busca por legitimidade social no espaço público.

Com base nesses pressupostos, o presente artigo propõe reflexões preliminares de um estudo mais amplo que visa examinar os debates públicos e o uso de polêmicas religiosas, por meio de uma análise qualitativa dos periódicos *Diário de Pernambuco* e *Jornal do Recife*.⁷ A controvérsia em questão envolveu o missionário John Rockwell Smith e outros interlocutores, como "Neophyto"⁸ e "Um Catholico", e ocorreu entre junho e novembro de 1880. Esse embate ilustra como os agentes religiosos utilizaram a imprensa para defender suas visões teológicas, refletindo o papel dos meios de comunicação na construção e disseminação das disputas religiosas no Brasil do século XIX.

O presente texto baseia-se na abordagem da História Cultural, desenvolvida a partir da "virada cultural" das décadas de 1970 e 1980, que compreende a cultura como um campo dinâmico de produção e circulação de significados. Sob esse enfoque, as realidades religiosas são construídas e interpretadas em diferentes contextos históricos, de modo que crenças e discursos religiosos se configuram como expressões moldadas por relações de poder e pelas circunstâncias culturais de cada época (Silva, 2024). Assim, considerar a religião nessa perspectiva requer entendê-la como parte de um processo cultural mais amplo, no qual as crenças religiosas atuam como "códigos culturais" sujeitos a constantes transformações (Silva, 2008).

Essa perspectiva se alinha às contribuições da Escola Italiana de Estudos das Religiões, cujos principais representantes — Raffaele Pettazzoni, Ernesto De Martino e Angelo Brelich — concebem a religião como um fenômeno cultural e histórico (Agnolin, 2013). Sob essa ótica, os textos religiosos, incluindo aqueles veiculados nos jornais do século XIX, não apenas divulgavam doutrinas, mas também desempenhavam um papel ativo na construção de representações culturais (Chartier, 1990). Essa dinâmica refletia como cada grupo religioso percebia e retratava seus oponentes, além de atuar na legitimação de crenças e no reforço do *habitus* religioso, um conjunto de

⁷ Análise qualitativa é um método que examina criticamente dados textuais, buscando significados e padrões subjacentes (Aróstegui, 2006).

⁸ Neófito, termo oriundo do grego "*neos*" (novo) e "*phyto*" (planta), designava, na Igreja primitiva, convertidos recentes ao cristianismo. Também era usado para recém-ingressos no estado eclesiástico, a quem os mistérios religiosos não eram imediatamente revelados. O termo masculino, "*neophytus*", era o mais utilizado pelos autores eclesiásticos (Bluteau, 1712).

disposições, crenças e práticas interiorizadas que requerem constante reafirmação para preservar sua legitimidade e coesão social (Bourdieu, 2007).

Nessa linha de análise, Vittorio Lanternari (1974) argumenta que a história religiosa deve ser compreendida como parte integrante da dinâmica cultural, enfatizando as inter-relações entre o universo religioso e a esfera profana. Para ele, os fenômenos religiosos devem ser examinados historicamente, levando em conta suas origens, seus desenvolvimentos e as condições sociais e culturais específicas de cada período:

(...)Dentro de uma visão histórica integral, a história religiosa surge, pois, como um dos momentos da dinâmica cultural. Entendemos, portanto, a história religiosa [...] como o estudo das inter-relações dialéticas entre vida religiosa vida profana (isto é, cultural, social, política etc.): o todo dentro de um processo dinâmico concreto e determinado, próprio de toda civilização.

(...) Afinal, os fenômenos religiosos são objeto de estudo e podem ser justificados, na medida em que se consegue determinar-lhes historicamente a origem e o desenvolvimento, reportando de modo sistemático as manifestações religiosas às condições históricas concretas: condições que se identificam com as experiências existenciais a que está ligada a sociedade no momento histórico considerado, e com as exigências culturais que, a partir daquelas experiências, são induzidas no mesmo momento. Experiências e exigências estão na base de toda manifestação e transformação religiosa (Lanternari, 1974, p. 10).

Assim, os discursos e as práticas religiosas devem ser reconhecidos como parte integrante de um componente religioso, intimamente ligado à cultura de uma sociedade e analisado dentro de um contexto histórico-social específico (Sabbatucci, 1991). Além disso, uma análise crítica da religião deve considerar tanto os princípios de autodireção presentes em cada tradição religiosa quanto os condicionamentos históricos que moldam suas características ao longo do tempo, proporcionando uma compreensão mais profunda e dinâmica do fenômeno religioso (Filoramo, 2004).

Este texto está estruturado em quatro partes. A primeira aborda o contexto que deu origem à polêmica religiosa, destacando a circulação de um livreto intitulado Perguntas respeitadas dirigidas ao sr. ministro da Igreja evangélica nesta província por um Neophyto da mesma Igreja. A segunda parte examina o início do debate na imprensa e a interação entre o ministro protestante e diversos interlocutores, ocorrida entre junho e agosto de 1880. Em seguida, o terceiro momento analisa a réplica publicada pelo ministro John Rockwell Smith no Jornal do Recife, em resposta ao opúsculo. Por fim, a

quarta parte discute a conclusão do debate, evidenciada nas publicações de “Um Católico” no *Diário de Pernambuco*, entre setembro e novembro de 1880. Por meio dessa análise, busca-se elucidar as dinâmicas do campo religioso nas últimas décadas do século XIX, evidenciando como os agentes religiosos, por meio desses debates doutrinários, interagem e se opunham a diferentes interpretações e visões do sagrado, influenciando a opinião pública e os leitores dos jornais em relação às verdades defendidas por cada grupo religioso.

O caso do Neophyto e o ministro evangélico

Dentre as controvérsias mais notórias entre católicos e protestantes na imprensa, destaca-se aquela envolvendo um suposto “Neophyto” da fé evangélica e o reverendo presbiteriano John Rockwell Smith, ocorrida nos jornais do Recife em 1880. Enquanto os católicos consideravam a polêmica uma vitória sobre o protestantismo, os protestantes viam nela uma oportunidade para promover sua causa, enfatizando o que entendiam como “erros doutrinários e morais do catolicismo”. Segundo memórias protestantes, em 7 de setembro de 1879 circulou no Recife um livreto intitulado “Perguntas respeitadas dirigidas ao sr. ministro da igreja evangelica nesta província por um Neophyto da mesma igreja”, impresso pela tipografia do Correio do Recife e assinado por um pseudônimo que ocultava a identidade do autor. O “Neophyto” afirmava ter-se convertido ao protestantismo após receber certa quantia em dinheiro, usada para adquirir obras de reformadores religiosos (Jornal do Recife, 22 jun. 1880).

O autor estabeleceu um prazo até maio de 1880 para que o ministro protestante respondesse quatro perguntas de forma categórica: (1) Poderia ele tomar como norma de vida o exemplo dos fundadores da Santa Reforma?; (2) Teriam esses fundadores sido verdadeiramente inspirados por Deus?; (3) Diante das diversas religiões protestantes, seriam todas igualmente boas, verdadeiras e divinas?; e (4) Seria verdadeira a Igreja Evangélica à qual se filiara, permitindo-lhe permanecer sem risco de perder a salvação eterna? Caso contrário, o “Neophyto” devolveria o valor recebido e retornaria ao catolicismo (Santos, 2008).

A controvérsia adquiriu novos contornos quando John Rockwell Smith publicou, em 22 de junho de 1880, uma declaração no *Jornal do Recife*, informando ter sido desafiado diretamente pelo autor do texto, “por ser eu o único ministro evangélico nesta cidade a quem foi formalmente dirigido um exemplar do dito opúsculo” (*Jornal do Recife*, 22 jun. 1880, p. 1). Essa afirmação sugere que o “Neophyto” tinha a intenção de direcionar suas críticas especificamente ao Sr. Smith, levantando dúvidas sobre as motivações que o levaram a escolher o ministro presbiteriano como alvo central.

A polêmica religiosa, iniciada entre maio e junho de 1880, prolongou-se por cerca de seis meses, com o *Diário de Pernambuco* servindo de plataforma para o “Neophyto” e o *Jornal do Recife* sendo utilizado pelo reverendo Smith, que buscava refutar as acusações. Durante o período de silêncio do “Neophyto”, surgiram outros nomes — “O Observador”, “O Aventureiro” e “Giges” — cujas publicações atacavam o protestantismo. Essa estratégia sugere que tais figuras poderiam ser criações de um mesmo autor, interessado em ocultar sua verdadeira identidade.

A adoção de múltiplas *personas* por um único autor não é algo incomum na literatura e na imprensa. Roger Chartier (2012), ao analisar o uso de heterônimos por Fernando Pessoa, observa que esses pseudônimos podem ser reconhecidos por traços estilísticos específicos e detalhes biográficos fictícios. Para ele, os heterônimos operam dentro da “função-autor”, permitindo ao escritor manipular a percepção de autenticidade literária. Essa perspectiva se aplica à estratégia de polemistas que, ao recorrer a diferentes pseudônimos, buscam criar um clima de tensão capaz de mobilizar o público em prol de suas causas, conforme já salientou Jair Gomes de Santana:

Nesse embate entre os dois intelectuais do sagrado, temos uma luta pelo controle da verdade. A questão é qual das instituições (a Igreja Católica ou as Igrejas protestantes, detém a verdade). Para a Igreja a verdade está em seus dogmas. Estes ora se baseiam na Bíblia, ora tem como fundamento a sua tradição. Para as Igrejas Protestantes, enquadradas aqui no tipo-seita (por causa do seu apego literal ao texto bíblico) tudo o que não se fundamente no texto sagrado não pode ser a verdade. Esse embate teológico é importantíssimo, pois quem conseguir convencer a população de que tem a exclusividade da verdade, ganhará o maior rebanho (Santana, 2007, p. 88).

A disputa religiosa entre católicos e protestantes no Norte⁹ do Brasil, ao longo do século XIX, ilustra claramente a noção de “regime de verdade”, conforme proposta por Michel Foucault. Para o filósofo, esse conceito abrange o conjunto de regras, instituições e práticas que definem o que uma sociedade considera verdadeiro ou falso (Foucault, 2014). Nesse cenário, as crenças religiosas serviram como instrumento de poder, utilizado tanto por católicos quanto por protestantes para legitimar suas visões de mundo e, simultaneamente, marginalizar as perspectivas religiosas de seus adversários.

O início de uma interação polêmica: os críticos

Após a divulgação das “Perguntas respeitosas”, atribuídas ao pseudônimo “Neophyto”, o reverendo Smith pronunciou-se publicamente em 22 de junho de 1880, por meio da coluna “Gazetinha” do *Jornal do Recife*. Em sua manifestação, o ministro protestante expressou o desejo de responder às questões apresentadas no opúsculo, mas exigiu previamente que o autor revelasse sua identidade e disponibilizasse a biblioteca onde teria consultado as obras mencionadas:

Foi-me dirigido, mediante o Correio, no dia 5 do corrente, hum exemplar de hum opúsculo intitulado "Perguntas respeitosas dirigidas ao Senhor Ministro da Igreja Evangélica nesta província, por hum Neophyto da mesma Igreja"; datado, Recife, 7 de setembro de 1879; qual demanda em termos mui positivos uma resposta *clara, concisa e categórica*, até maio próximo futuro, sob pena de ir ter o autor com o seu Bispo e abjurar seus erros protestantes.

Embora seja a igreja, de que sou Ministro, chamada tanto popular como oficialmente Igreja Presbyteriana, julgo-me desafiado pelo autor em razão de ser eu o único Ministro Evangélico nesta cidade a quem foi formalmente dirigido hum exemplar do dito opúsculo. Foi só ontem à noite que acabei de lê-lo. Declaro-me pronto a responder às Perguntas. Contudo, é forçoso saber quem as faz. *Peço, portanto, ao desconhecido autor que declare franca e publicamente o seu nome, e me dê acesso à sua bibliotheca, ou me indique a bibliotheca que contém as obras citadas em seu opúsculo, da qual possa me servir.*

Minha bibliotheca particular, conquanto me sirva para responder em parte, não é sufficiente para todas as exigências de uma resposta cabal, nem sei de bibliotheca nesta cidade que seja sufficiente.

Minha bibliotheca está à disposição do autor para consultar.

Peço que defira sem demora meu pedido mediante este mesmo jornal. Recife, 19 de junho de 1580.

J. R. Smith (*Jornal do Recife*, 22 jun. 1880, p. 1 - grifo nosso).

⁹ A denominação 'norte' era comumente utilizada para a região que, posteriormente, seria conhecida como Nordeste. Essa compreensão, segundo Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2006), é resultado de uma construção histórica e cultural a partir dos anos 1950.

De acordo com esse relato, o reverendo Smith afirma ter recebido o exemplar do opúsculo pelo correio em 5 de junho daquele ano. Vale lembrar, porém, que o texto do “Neophyto” começou a circular nove meses antes, em setembro de 1879, o que reforça a possibilidade de o ministro presbiteriano ser o destinatário pretendido. Outro indício que corrobora essa tese é o fato de Smith ter organizado, em 11 de agosto de 1878 - dois anos antes da controvérsia -, a primeira comunidade presbiteriana de língua portuguesa em Recife, capital da Província de Pernambuco. Tais elementos sugerem que o ministro enxergou no episódio uma oportunidade para promover a missão e a mensagem presbiteriana.

A exigência de Smith, ao solicitar que o “Neophyto” se identificasse e revelasse suas fontes, repercutiu intensamente na imprensa da época. Em texto veemente, assinado por “O Observador” e publicado no *Jornal do Recife*, o autor criticava a postura do ministro (*Jornal do Recife*, 23 jun. 1880). Alegando que Smith tentava “Esquivar-se (no que parece) de dar uma resposta clara, concisa e categórica às perguntas”, o artigo sustentava que os livros utilizados “correm impressos pelo mundo” e concluía que “a causa do ministro evangélico está seriamente comprometida”, devendo este “attentar para isso, e não em querer conhecer a pessoa que lhe dirigiu as perguntas”.

A partir desse ponto, o *Diário de Pernambuco* converteu-se no principal palco dos embates religiosos envolvendo o reverendo Smith. O uso recorrente desse jornal por parte de seus opositores sugere uma estratégia coordenada para confrontar suas ideias. A publicação “Uma aposta de 4.000 sobre o livro das Perguntas”, assinada por “O Aventureiro”, exemplifica tal tática ao levantar questionamentos sobre a identidade dos verdadeiros autores do debate (*Diário de Pernambuco*, 28 jun. 1880). Nesse texto, carregado de ironia, o autor — que se declara católico — descreve uma aposta com um amigo protestante acerca da validade do livreto do “Neophyto” por quatro mil réis. Ao afirmar que “este livrinho é um raio que fulmina e aterra o protestantismo”, “O Aventureiro” demonstra forte hostilidade em relação à fé protestante. Assim como “O Observador”, ele também rejeita o pedido de Smith de que o “Neophyto” se identificasse, reforçando a ideia de que o objetivo de tais opositores era enfraquecer a credibilidade do reverendo e da fé protestante.

Ao longo dessas disputas públicas, a ironia desempenhou um papel cada vez mais crítico, servindo de instrumento de julgamento e desqualificação, com um tom pejorativo. Nas intervenções de “O Observador” e “O Aventureiro”, nota-se o uso de sarcasmo ao se referir ao Sr. Smith, pondo em dúvida sua formação teológica e doutrinária. Conforme Linda Hutcheon (1985), esse emprego estratégico da ironia demonstra o poder da paródia e da ironia como recursos discursivos capazes de questionar discursos hegemônicos e reconfigurar o debate político:

A função pragmática da ironia é, pois, a de sinalizar uma avaliação, muito frequentemente de natureza pejorativa. O seu escárnio pode, embora não necessariamente, tomar a forma de expressões laudatórias empregues para implicar um julgamento negativo; ao nível semântico, isto implica a multiplicação de elogios manifestos para esconder a censura escarnecedora latente (Hutcheon, 1985, p. 73).

Nesse sentido, os textos assinados por “O Observador” e “O Aventureiro” valem-se da ironia como ferramenta retórica. Tais intervenções miram não apenas o adversário e a expressão religiosa que ele representa, mas também os leitores que acompanham o confronto nos periódicos. Dessa forma, a polêmica religiosa funciona como meio de “atrair a atenção do público para a questão em debate” (Sponholz, 2010, p. 210). Entretanto, em meio a essas tensões iniciais, um novo personagem emerge: em 12 de julho de 1880, o *Diário de Pernambuco* veicula o artigo “O ministro evangélico e o Neophyto”, assinado por “Giges”.

Tal como os autores anteriores, “Giges” critica a exigência de Smith de que o “Neophyto” se identificasse. Todavia, o que se destaca nesse texto é seu discurso abertamente antiprotestante. Enquanto, nos escritos anteriores, esse posicionamento surgia de forma mais sutil, em “Giges” ele se torna mais explícito, conforme se observa em determinadas passagens:

(...) O Senhor Smith diz em sua publicação, à qual nos referimos, que é Ministro da Igreja tanto popular (pois não) como oficialmente (1) chamada Presbyteriana. Vade retro... No Brasil só temos uma igreja oficial, que é a Catholica Romana, em virtude de nossa Constituição; logo, o Senhor Smith neste ponto desceu do ridículo à falta de verdade. O que, porém, precisamos saber e liquidar é como, sendo o Senhor Smith Ministro da Igreja chamada Presbyteriana, é o único Ministro evangélico nesta cidade. Como pode isso ser, se os Presbyterianos não admitem a hierarchia, isto é, não têm Bispos, nem os consideram? E, entretanto, no anno passado por aqui andou hum Bispo chrismando os proselytos da Igreja do

Senhor Smith, sendo este Senhor o unico Ministro evangelico nesta cidade. Como se poderá concluir isso? Pensa o Senhor Smith que estamos ainda nos tempos em que se passava gato por lebre e vendia-se nabos em sacos?

É necessário, portanto, que o honrado Ministro diga o que é: se presbyteriano ou evangélico, porque estes dous ramos do protestantismo são diferentes. Defina-se o Senhor Smith, se ainda sabe a quantas anda. Se o Senhor Smith ainda não achou resposta para o impertinente Neophyto, confesse, como seu pai Luthero, que "muitas vezes penso só commigo que quasi não sei onde estou, nem se ensino a verdade ou não! (Diário de Pernambuco, 12 jul. 1880, p. 2).

A publicação assinada por “Giges” contextualiza a circulação do opúsculo do “Neophyto” e questiona a razão de o Sr. Smith ter esperado até 22 de junho para se pronunciar, apesar de as “perguntas respeitosas” estarem disponíveis havia meses. O texto também estabelece uma interação direta com o argumento do ministro protestante, respondendo às suas alegações. Recorrendo ao “apelo à autoridade”, o autor cita figuras como Plínio, o Velho, Martinho Lutero e João Calvino para intensificar a oposição à doutrina protestante. Além disso, posiciona-se como defensor da fé católica ao destacar que “no Brazil temos só huma igreja official, que hé a Catholica Romana.”, em referência ao artigo 5º da Constituição de 1824, que conferia status de religião oficial à Igreja Católica no Império (Constituição Política do Império do Brazil, 1824).

Questionando a estrutura eclesiástica da Igreja Presbiteriana, o autor faz uso de perguntas retóricas para fragilizar sua legitimidade, como se lê em: “Como póde isso ser, si os presbyterianos não admitthem a hierarchia, isto hé, não têm bispos, nem os consideram?” (Diário de Pernambuco, 12 jul. 1880). Nesse ponto, argumenta que a ausência de uma hierarquia semelhante à da Igreja Católica desqualificaria o presbiterianismo como verdadeira igreja. Ademais, ao contrastar os textos de “O Observador”, “O Aventureiro” e “Giges”, identificam-se estratégias narrativas e retóricas similares, especialmente o uso de ironia e metáforas. Essas publicações, no entanto, parecem apenas preparar o terreno para o debate doutrinal dos meses seguintes, pois o autor incita o leitor a acompanhar o desenrolar dos acontecimentos nos jornais da época, ao mesmo tempo em que provoca seu oponente a prolongar a discussão.

A réplica do ministro protestante

As discussões desencadeadas pelas publicações anteriores logo ganharam visibilidade, ultrapassando limites provinciais e repercutindo em outras regiões, conforme registros no *Diário de Pernambuco*. Esses debates evidenciam como as polêmicas mobilizaram diferentes atores e a opinião pública, tanto em questões sociais (Amossy, 2017) quanto em temas religiosos. Um exemplo desse fenômeno é a publicação de 25 de agosto, intitulada “Perguntas de um protestante a seu pastor”, republicada do *Diário de Alagoas* de 10 de julho. O autor da carta menciona que, em Maceió, teve acesso a um opúsculo da província vizinha e, após lê-lo, sentiu-se impulsionado a alertar os leitores sobre o texto que, segundo ele, “sob modesto titulo e em formato reduzido, destrói completamente as seitas heréticas que, com doutrinas absurdas, deletérias e contraditórias, buscam insinuar-se hypocritamente em nossa sociedade, sob diferentes titulos, todos englobados no de protestantismo” (*Diário de Pernambuco*, 25 ago. 1880, p. 2).

Um dos poucos relatos sobre o conteúdo e a estrutura desse livrinho advém de um destinatário específico. Entre 25 e 31 de agosto, o reverendo Smith, em duas séries de artigos no *Jornal do Recife*, analisou e respondeu às “Perguntas Respeitosas”. Na primeira série, publicada de 25 a 26 de agosto, o missionário presbiteriano declarou aos leitores que, por mais de dois meses, aguardara um posicionamento do autor do opúsculo. Além de rebater os argumentos apresentados, Smith criticou a linguagem utilizada. Conforme declara:

Hé desagradavel achar-me na necessidade de uzar, a respeito de qualquer pessoa ou pessoas, huma linguagem tam severa como merece e exige o character deste opusculo; assim como hé difficil achar palavras tam fortes como carece para descrevê-lo com justiça. *O publico pernambucano sabe que eu não busquei a questão, mas que o opusculo me foi atirado. O publico respeitavel tambem reconhecerá que o auctor do opusculo, tanto pela materia de que se compõe como pela maneira em que tracta della, collocou-se em terreno ao qual nenhum homem com devido respeito proprio pode descer.*

Os caracteres de alguns dos homens mais dignos que Christo tem dado á sua Igreja desde os tempos dos apostolos, e os mais illustres, os mais nobres e os mais benemeritos que o mundo jamais conheceu; assim como a doutrina do Senhor Jesus Christo, mesmo o Evangelho da gloria de Deus bemaventurado, tem sido atacados da maneira mais grosseira, falsa e maligna (*Jornal do Recife*, 25 ago. 1880, p. 2 – grifo nosso).

Logo no início do artigo, reconheceu que não pretendia discutir ou responder às perguntas do “Neophyto”. No entanto, sentiu-se obrigado a fazê-

lo, pois o texto fora enviado a ele pelo correio, sem que o solicitasse. O ministro observou ainda que o público “reconhecerá quem hé o auctor do opusculo, tanto pela materia abordada quanto pela forma de tractá-la.”, sugerindo que o estilo e os argumentos empregados permitem identificar o autor. Embora Smith não afirmasse saber claramente quem escreveu as “Perguntas Respeitosas”, ele sugeriu, com base no estilo retórico, que o autor estava vinculado à Igreja Católica. Essa posição remete à análise de Ruth Amossy (2017), que discute o conceito de interação polêmica — produção discursiva voltada a contrapor o discurso do outro, configurando um confronto direto entre os envolvidos.¹⁰

De acordo com Amossy (2017), em contextos polêmicos, mesmo que o autor não revele sua identidade, suas escolhas discursivas, tais como afirmações, negações e interrogações, deixam transparecer a subjetividade. Esse processo define o *ethos* discursivo, uma construção baseada em representações sociais compartilhadas. Assim, o polemista orienta sua fala para mobilizar o público a que se dirige. Essa dinâmica também se traduz em processos de construção e embate de identidades, sobretudo na esfera religiosa, em que diferentes grupos frequentemente se confrontam em espaços sociais (Souza, 2012).

Depois dessas considerações iniciais, o reverendo Smith inicia sua análise do texto do “Neophyto” e refuta algumas das afirmações, entre as quais a noção de que o protestantismo não constituiria um ramo legítimo do cristianismo. Para contrariar tal perspectiva, Smith argumenta que a designação “protestantes”, aplicada de modo indiscriminado a todos os que rejeitam a autoridade papal, serve como artifício retórico usado por setores católicos. Ele acrescenta: “protestantes o são apenas no sentido *lato*; mas christãos, no sentido restrito e verdadeiro, não o são; nem têm mais credito, em matéria de religião e theologia, com christãos evangelicos, do que têm os papistas” (Jornal do Recife, 25 ago. 1880, p. 2). Em seguida, Smith amplia a

¹⁰ A autora diferencia o *discurso polêmico* da *interação polêmica*. O discurso polêmico consiste no enunciado de um locutor que se insere no discurso de seus adversários, caracterizando uma forma de diálogo indireto. Nesse cenário, a intenção é responder e confrontar o outro, porém sem promover uma interação direta entre as partes. Em contrapartida, a interação polêmica ocorre quando dois ou mais oponentes se envolvem ativamente em uma discussão, seja oral ou escrita, e buscam prevalecer sobre o adversário. Esse processo pode acontecer de modo presencial (“face a face”) ou de forma mediada, a exemplo de debates públicos ou trocas de textos. (Amossy, 2017, p. 73).

crítica ao contestar o dogma da infalibilidade papal, promulgado em 1870 no pontificado de Pio IX. De acordo com o 4º capítulo da 4ª sessão do Concílio Vaticano I, as decisões papais em questões de fé e moral são infalíveis, ou seja, consideradas sempre corretas (CVI, cap. IV, ss. IV, 1870).

Esse princípio direcionou a atuação política e religiosa do catolicismo na Europa e no Brasil, especialmente por meio do ultramontanismo, que reforçou a centralização da autoridade da Cúria Romana. Ao criticar esse dogma, o reverendo Smith manifesta o anticatolicismo (ou antiromanismo) típico dos movimentos protestantes, o que pode ser visto como parte do *habitus* protestante, definido pela identidade construída a partir da experiência de ser protestante (Santos, 2004). À medida que Smith dialoga com o autor das “Perguntas Respeitosas”, ele também contribui para a formação de uma identidade protestante/evangélica no Brasil, no fim do século XIX e início do XX (Gonçalves, 2015; Santos, 2004). Tal perspectiva aparece quando afirma: “O Protestantismo Evangelico não ata sua fe e pratica a homem algum, e não conhece padres mestres; conhece só a Christo como seu Mestre e Senhor, e a Deus somente como Pae” (Jornal do Recife, 25 ago. 1880, p. 2).

No texto publicado em 26 de agosto no Jornal do Recife, Smith apresenta uma breve descrição das “Perguntas Respeitosas”, qualificando-as como “arrogantes, presunçosas e imprudentes” (Jornal do Recife, 26 ago. 1880, p. 2). Nesse momento, ele procura gradualmente expor o conteúdo do opúsculo e confrontá-lo na medida em que revela as informações. Uma estratégia discursiva clara é a desqualificação do adversário, dirigida tanto ao autor do livreto quanto à instituição que ele representaria — a Igreja Católica.

Esse aspecto torna-se evidente quando Smith distingue duas religiões: uma “falsa e corrupta”, dando a entender que se trata do catolicismo, e a “verdadeira religião”, considerada capaz de justificar os indivíduos “mediante a fé”. Essa formulação retórica, que atribui a “verdadeira religião” ao protestantismo, se expressa no trecho do reverendo Smith que contrapõe uma igreja “verdadeira” a outra “falsa”, consolidando a oposição entre católicos e protestantes:

Costumo pregar que há só duas religiões no mundo; huma hé a religião do Ceo e de Deus, mas para o homem. Esta hé a salvação para os peccadores pela graça mediante a fé, sem as obras da lei; nella Deus hé

Redemptor, Salvador e Soberano, e o homem hé o peccador perdido e impotente, que há de ser salvo.

A outra hé a religião do inferno e de Satanás, oriunda delle, e *exhibindo-se em mil formas, desde o judeu phariseu, o polido grego, o subtil buddhista, o refinado romanista, o delicado moralista, e o moderno rationalista, até o pobre fetichista.*

A religião que ensina a justificação pela graça mediante a fé, a renovação e sanctificação do corrupto coração humano, em virtude da obra perfeita do Deus-Homem, e pelo divino poder do Espirito Santo, hé boa, verdadeira e divina; e hé boa, verdadeira e divina à proporção que ensina essas doutrinas. A religião que ensina o contrario dessas doutrinas hé falsa e infernal, e à proporção que assim ensina, hé ella mesma falsa e infernal (Jornal do Recife, 26 ago. 1880, p. 2 – grifo nosso).

A classificação de religiões entre “divinas” e “infernais” demonstra o esforço discursivo do ministro protestante para associar a doutrina protestante à verdade divina. Ao relacionar práticas religiosas como o catolicismo, o judaísmo, o budismo e o racionalismo à esfera maligna, o autor não apenas reforça a suposta superioridade de sua fé, mas também desumaniza e marginaliza os adeptos dessas tradições, enquadrando-os em um imaginário demoníaco. Essa estratégia, denominada *polarização*, baseia-se em classificações dualistas que distinguem e hierarquizam as religiões.¹¹ Ademais, pode ser interpretada como uma forma de violência simbólica, conforme descrita por Pierre Bourdieu (2003), pois a imposição de uma visão religiosa desqualifica e silencia outras perspectivas.

A partir de 28 de agosto, iniciou-se a segunda série de publicações, intitulada “O Neophyto desmentido”. O reverendo Smith prosseguiu na refutação do “Neophyto”, valendo-se de autores como César Cantú, Ernesto Renan e François Guizot para defender a integridade dos reformadores (Jornal do Recife, 29 ago. 1880). Em suas respostas, o ministro protestante frequentemente se dirigia ao público, como ao questionar: “Quem o publico pernambucano julgará mais competente para avaliar o character de Luthero e Calvino?” (Jornal do Recife, 28 ago. 1880, p. 2). Essa postura buscava persuadir os leitores sobre a legitimidade de suas posições.

O debate, então, voltou-se para temas doutrinários, entre eles o celibato clerical. Smith questionou tal prática, defendendo o casamento de líderes reformadores e inquirindo: “Não seria melhor que a Igreja creasse famílias

¹¹ Van Dijk (2023) define a *polarização discursiva* como a construção de uma dicotomia “nós” versus “eles”, onde o primeiro grupo é idealizado e o segundo, demonizado. Essa estratégia, ao mobilizar emoções e reforçar identidades, busca legitimar posições e deslegitimar o outro.

legítimas, ao invés de encher a terra de bastardos?” (Jornal do Recife, 28 ago. 1880, p. 2). Nesse ponto, evidencia-se o anticatolicismo de seu discurso, que condena a imposição do celibato pela Igreja Católica. Conforme pode ser examinado a seguir:

Estou longe de julgar que os paes de família não tenham culpa também nesta questão. Quem os manda sustentar, por sua influencia, apoio moral e material, hum systema de confessorio, que por tantos seculos tem produzido taes fructos, e hum principio de celibato tam contrario à constituição humana, aos interesses da sociedade, do estado e da egreja, em regra geral, e especialmente quando hé forçado, como opposto à vontade revelada de Deus?

Hé possível que os paes brasileiros acreditem que o estado de celibato, na maioria dos casos celibato adúltero, hé mais puro do que o estado de todas as mãis e esposas legítimas na terra? Paes de família, não hé isso hum insulto o mais tremendo à sociedade que pode haver? Não hé isso o que quer dizer todo esse louvor do celibato e da virgindade forçada?

Luthero e os outros reformadores, se achando obrigados por votos que Deus nunca lhes impoz, e nem delles aceitou, em vez de fazerem o papel de Herodes em cumprir hum voto impio, tiveram a coragem e a nobreza de character de se desligarem do voto que lhes fora administrado em ignorancia e de obedecerem a Deus, no uso legitimo de seus direitos dados pelo Deus Santo a sua creatura, o homem innocente e recto, no Eden (Jornal do Recife, 28 ago. 1880, p. 2).

No entendimento do reverendo Smith, o celibato representa um símbolo de controle e repressão do catolicismo, o que, em sua avaliação, contraria tanto a “constituição humana” quanto os “interesses da sociedade”. Para ele, tal prática é antinatural, em oposição ao ideal protestante de uma fé em harmonia com a natureza humana, expresso na vida familiar. Smith destaca Lutero e outros reformadores como exemplos de “coragem” e “nobreza”, contrastando-os com a “hipocrisia” católica, ilustrada pelo chamado “celibato adúltero”. Em sua perspectiva, a aceitação dessas práticas reflete submissão ao poder eclesiástico, ao passo que a adesão ao protestantismo aparece como um caminho de libertação e obediência direta à vontade divina.

A série de artigos do reverendo Smith termina ao abordar o dogma católico da veneração mariana (Jornal do Recife, 31 ago. 1880). No entanto, suas publicações apresentavam três objetivos principais: rebater os argumentos do “Neophyto”, dialogar com o público leitor e, por fim, criticar a hegemonia católica na sociedade brasileira por meio de um discurso anticatólico. Assim, tanto a divulgação das ideias protestantes quanto a crítica

ao catolicismo emergem como aspectos centrais nos textos do reverendo Smith.

Um novo personagem? A interação entre o ministro protestante e “Um Catholico”

Entre setembro e novembro, as interações polêmicas entre o reverendo John Rockwell Smith e o “Neophyto” intensificaram-se na imprensa. Nesse período, observou-se um crescimento no volume de publicações sobre o debate doutrinário tanto no *Diário de Pernambuco* quanto no *Jornal do Recife*. Esses três meses representaram o ápice da controvérsia religiosa, que vinha ganhando forma ao longo das edições anteriores. O cenário para esse embate foi preparado de maneira gradual, à medida que respostas e refutações entre as partes se tornaram mais frequentes.

A essa altura, a opinião pública já se mostrava dividida: parte apoiava o “Neophyto”, enquanto outra parte se alinhava às posições do ministro protestante. A publicação de 25 de agosto assinala o momento em que o reverendo Smith decide se manifestar acerca do opúsculo “Perguntas Respeitosas” no *Jornal do Recife*. Desse modo, o ponto de partida para a análise concentra-se nos textos posteriores a essa data, correspondendo às duas primeiras séries de artigos do ministro protestante, além de suas repercussões. É nesse contexto que surge um novo interlocutor, assinando-se “Um Catholico”.

Outro aspecto relevante diz respeito à periodicidade das publicações, algumas breves e outras mais extensas, com intervalos variáveis. Ainda assim, mantêm certa continuidade. Essa dinâmica se associa diretamente à interação polêmica, pois o discurso do opositor precisa ser lido, absorvido e avaliado, para que erros e falhas sejam identificados. Os textos publicados por “Um Catholico” começaram em 10 de setembro de 1880, no *Diário de Pernambuco*. O autor aguardou cerca de dez dias para iniciar sua série de respostas às publicações de Smith. Uma tática evidente é o uso de intertextualidade, ao destacar trechos dos artigos do ministro presbiteriano com o intuito de confrontá-lo. Em uma de suas passagens, o autor afirma que:

Nesses tempos de provações acerbíssimas por que vae passando a Egreja de Jesus Christo, quando em pleno século XIX a unica verdadeira religião do Calvario - o Catholicismo - hé publica e estultamente

maculada em tudo o que nella refulge de mais augusto, sublime e venerando, pelos arautos do erro e da heresia; quando ainda hoje hum punhado de estrangeiros, fieis discipulos de Luthero e Calvino, mancommunados com apenas huma duzia de nossos patricios, a quem elles miseravelmente enganaram (Diário de Pernambuco, 10 set. 1880, p. 3).

Nesse trecho, a defesa do catolicismo aparece mediante a ênfase na legitimidade da religião católica como “a única verdadeira religião do Calvário” e pela menção ao padroado régio, sistema vigente à época que conferia ao catolicismo o status de religião oficial. De acordo com a legislação do período, outras religiões “toleradas pelo Estado” não podiam realizar práticas religiosas em espaços públicos, tampouco exibir símbolos religiosos externos em seus locais de culto (Constituição Política do Império do Brazil, 1824). Consciente dessa realidade, o autor reivindica a legitimidade do catolicismo para afirmar sua superioridade diante do protestantismo, descrito como “arautos do erro e da heresia” e “fiéis discípulos de Luthero e Calvino”.

“Um Catholico” justifica sua intervenção ao alegar que “nenhum verdadeiro catholico póde calar-se ou deixar de estranhar a inqualificável ousadia e reprovar os erros funestos desses infelizes corifeus da mentira”. Dessa forma, ele vincula o “ser católico” à própria identidade nacional ao declarar que “os brasileiros são quasi todos catholicos, apostolicos romanos, e têm bastante criterio e brio para energicamente protestar contra essa sua religião, e contra essa meia duzia de alminhas empanturradas e raquiticas pela impiedade precoce e por huma supina ignorancia” (Diário de Pernambuco, 11 set. 1880, p. 3). O autor censura o tom das publicações de Smith, apontando-o como intolerante, e procura envolver diretamente os leitores dos periódicos por meio de expressões como “para que o público respeitável e imparcial aprecie devidamente a boa-fé com que o Sr. Ministro pretende discutir” ou “o público respeitável e intelligente já tem conhecimento de um opúsculo” (Diário de Pernambuco, 10 set. 1880, p. 3; Diário de Pernambuco, 11 set. 1880, p. 3).

Ao longo de seu texto, “Um Catholico” direciona o debate para questões doutrinárias, mencionando, por exemplo, o Sacramento do Batismo. Ele desafia o Rev. Smith com a pergunta: “Então o Sr. Smith não crê no sacramento do baptismo d’agua, instituído por Jesus Christo?”, convocando o ministro protestante a esclarecer se o batismo é considerado um símbolo de

renascimento (Diário de Pernambuco, 11 set. 1880, p. 3). Para “Um Catholico”, há três sacramentos fundamentais ao verdadeiro fiel: o Batismo, a Confirmação e a Ordem. Ele afirma:

Distingue o homem que o recebeu do que ainda não o recebeu, em referência ao fim a que se dedica. Assim, pelo caracter do baptismo, o fiel se distingue do pagão; pelo da confirmação, o crismado se distingue do simples baptizado. Por este caracter, em summa, o homem torna-se capaz de receber e administrar as cousas sagradas; de sorte que, se quizesse conferir as ordens sacras a hum homem ainda pagão, este sacramento seria nulo, e o homem não receberia nem a graça nem o caracter sacramental. Tres cousas, pois, devem crer os catholicos em relação a este caracter: 1) que elle hé hum signal espiritual e indelével; 2) que há tres sacramentos que imprimem o caracter, a saber, o baptismo, a chrismma e a ordem; 3) que estes tres sacramentos não se podem reiterar (Diário de Pernambuco, 11 set. 1880, p. 3).

Nesta passagem, o autor recorre às correlações entre os sacramentos para sustentar as doutrinas católicas, destacando que o batismo funciona como um marcador religioso que diferencia o fiel do “pagão”, ao passo que a crisma distingue o “crismado” do “batizado” e a Ordem confere ao homem a capacidade de administrar os ritos sagrados. Ademais, o autor ressalta que esses três sacramentos são únicos e não podem ser repetidos. Nesse sentido, a inserção dos sacramentos no debate objetiva deslegitimar a posição do Rev. Smith como ministro religioso, pois, de acordo com “Um Catholico”, “os protestantes não têm nenhum direito de citar a Sagrada Escripura, nem auctoridade para ensinar o Evangelho” (Diário de Pernambuco, 14 set. 1880, p. 3). Tal crítica se aprofunda quando o autor recorre a passagens bíblicas para refutar as declarações do Rev. Smith, alegando que o ministro não compreende a fé que professa, ignora a autoridade do Papa - sucessor de São Pedro - e despreza a doutrina católica, considerada a única verdadeira.

Em resposta a essas acusações, o Rev. Smith publicou, em 15 de setembro de 1880, no *Jornal do Recife*, uma carta intitulada “O Defensor do Neophyto”. Nela, criticou o tom e a linguagem do autor de “O Neophyto e o Ministro Evangélico”, enfatizando que “a ninguém tenho atacado; o Neophyto atacou as igrejas reformadas e sua doutrina. Só defendo a verdade injuriada, sendo testemunha o novo articulista” (Jornal do Recife, 15 set. 1880, p. 2). Ademais, o reverendo argumentou que as “asserções caluniosas” atribuídas ao “Neophyto” se apoiavam em citações deturpadas e, embora não se

considerasse obrigado a responder às “Perguntas Respeitosas”, optou por fazê-lo em respeito ao público. Em sua missiva, Smith acrescenta:

Não haja tantos esforços ignobeis para ludibriar os leitores com palavras em grifo, pontos de exclamação e de interrogação por argumentos. *Todos os leitores inteligentes sabem que taes cousas não indicam elegancia de estilo, força de logica ou erudição; mas sim o contrario, ser necessitado apontar por taes signaes o que deve ser considerado forte, sarcastico, etc.*, além de ser huma affronta à intelligencia dos leitores e de sujeitar o escriptor à accusação de deshonra em argumentar (Jornal do Recife, 15 set. 1880, p. 3 – grifo nosso).

Nas entrelinhas do argumento do ministro protestante, observa-se sua consciência quanto ao poder da palavra escrita para moldar a opinião dos leitores. Ao criticar as estratégias textuais de seus oponentes, o reverendo John Smith afirma que as táticas adotadas tanto por “Neophyto” quanto por “Um Catholico” — como “palavras em grifo, pontos de exclamação e de interrogação” — buscavam persuadir os leitores. Para ele, porém, tais recursos expressariam uma tentativa falha de argumentação, disfarçada em sarcasmo e aparente erudição.

Em face dessa provocação, “Um Catholico” publicou no *Diário de Pernambuco*, em 16 de setembro de 1880, uma réplica irônica à crítica do ministro protestante. Afirmou que o reverendo Smith, “tentando desmentir o Neophyto, apela constantemente ao público inteligente e ilustrado; esse ministro evangélico deseja e convida cordialmente o público inteiro a ouvi-lo pregar por três ou seis meses” (Diário de Pernambuco, 16 set. 1880, p. 4). Na mesma edição, reforçou que o missionário presbiteriano “não consegue fazer proselytos entre nós, pois não ha hum só homem intelligente e cordato que lhe dê credito”. Sete dias depois, em nova publicação no mesmo periódico, o autor retomou sua argumentação dirigida ao público, desqualificando o ministro evangélico ao declarar que “um pregador da laia do Sr. J. R. Smith, sem auctoridade competente e missão legitima, hé um intruso, um não pregador, e, por consequência, não pode ensinar utilmente ao povo religião alguma” (Diário de Pernambuco, 23 set. 1880, p. 3).

A controvérsia religiosa em pauta evidencia que tanto o ministro protestante quanto o suposto defensor do “Neophyto” se afastaram gradualmente da discussão inicial acerca do opúsculo “Perguntas Respeitosas”, expandindo o debate para outras questões teológicas. Observa-se, nas publicações de ambos, que os temas elencados em “Neophyto”

serviram de base para articulações dirigidas a diferentes aspectos doutrinários. Nas três ocasiões em que se pronunciou, o reverendo Smith concentrou suas críticas na Igreja Católica e em seus dogmas “romanistas”. Por outro lado, seu opositor recorreu aos argumentos do ministro protestante para refutá-lo, algo particularmente evidente ao final da última série de textos.

Na edição de 12 de outubro de 1880 do *Diário de Pernambuco*, “Um Catholico” introduz um novo tema no debate: a veneração e o culto a Maria. Os cultos marianos constituem práticas seculares do catolicismo, com raízes na Europa medieval e registros de veneração no Brasil desde o período colonial (Cipolini, 2010). Segundo o autor, tanto o “Neophyto” quanto seu opúsculo, “Perguntas Respeitosas”, são exemplos de virtude e defesa do catolicismo. Ele ressalta que, graças à coragem demonstrada na publicação do livreto, os erros e heresias do protestantismo foram expostos (*Diário de Pernambuco*, 12 out. 1880).

Fazendo referência a um texto anterior do reverendo Smith publicado no *Jornal do Recife*, “Um Catholico” destaca a fidedignidade das citações feitas por “Neophyto” acerca de Maria. Para contradizer as palavras de Smith, o autor recorre a autoridades religiosas como São Epifânio e Teodoro, fundamentando a veneração mariana e diferenciando-a do culto de adoração exclusivo a Deus (*Diário de Pernambuco*, 12 out. 1880). Na sequência, explica que os católicos praticam um culto de *hiperdulia* dedicado à Virgem, distinto da *latria*, reservada apenas a Deus.¹² Sua argumentação avança por meio de perguntas retóricas, com o intuito de desafiar o ministro protestante e sustentar que a Igreja Católica representa a verdadeira fé, de acordo com as resoluções do Concílio de Trento. Ao enfatizar que os católicos “não fazem de Maria uma deusa”, o autor justifica a prática da veneração à luz das Escrituras e convida o ministro a reconhecer a fé católica ou, ao menos, a aceitar a existência de templos e altares devotados à Mãe de Deus.

Nos dois últimos textos, veiculados no *Diário de Pernambuco* entre 8 e 16 de novembro de 1880, percebe-se o esforço do autor em ordenar suas ideias

¹² A Igreja Católica Romana adota três tipos distintos de culto em sua prática religiosa. O culto de *latria* é dedicado exclusivamente a Deus. Já o culto de *hiperdulia* é destinado à Virgem Maria, diferenciando-se por ser uma forma de veneração especial, acima de qualquer outro santo, devido ao seu papel único na história da salvação. Por fim, o culto de *dulia* é direcionado aos santos, que são honrados pela Igreja em reconhecimento ao seu testemunho de fé e vida virtuosa (Mesquita, 2015).

de forma mais clara e reforçar a ênfase nos supostos erros doutrinários atribuídos ao adversário. O tema central, tal como abordado por “Um Catholico”, consiste na alegação de que a Igreja Católica estaria vinculada ao atraso social do país e ao indiferentismo religioso. Essa crítica, atribuída ao ministro protestante, obtém respaldo nos discursos de setores liberais e de grupos dominantes da época, que associavam o protestantismo à modernidade e ao progresso, em contraste com o catolicismo, tido por muitos como sinônimo de atraso (Santana, 2007).

Conforme Alceu Ferraro (2002) salienta, cerca de 82,3% da população brasileira da época era analfabeta, índice que demonstra a precariedade do sistema educacional nacional, então amplamente controlado pela Igreja Católica. Esses dados revelam-se ainda mais preocupantes em âmbito regional. De acordo com o “Recenseamento do Brasil de 1872”, na província de Pernambuco havia aproximadamente 105 homens alfabetizados, enquanto apenas 52 mulheres possuíam instrução. Assim, em um total de cerca de 841.539 habitantes, 99,98% não sabiam ler ou escrever (Recenseamento do Brasil de 1872, 1874, p. 215).

Essa limitação restringia o acesso à educação às classes mais abastadas. Nesse contexto, ao defender a Igreja das acusações do reverendo Smith, “Um Catholico” também criticava a atuação do Estado no combate ao analfabetismo. Seu posicionamento revela uma insatisfação diante do processo de secularização, agravada pelas tensões entre Igreja e Estado evidenciadas na Questão Religiosa (1872-1875). O autor afirma:

Portanto, se os nove decimos da população brasileira são alphabetos, a culpa não hé da Egreja Romana. A Egreja, vos repetimos, não hé o Estado, assim como o Estado não hé a Egreja... A historia, dezenove vezes secular, ahí está para attestar a face das gerações que, quando os governos da terra sympathisaram com a Egreja Catholica, acatando, auxiliando e protegendo seu admiravel magisterio, as sciencias e as artes floresceram sempre nos respectivos reinos e imperios; e, pelo contrario, todas as vezes que lhe declararam guerra aberta, expulsando-a ingrata e sacrilegamente de seus estados, estas decahiram espantosamente em breve tempo (Diário de Pernambuco, 8 nov. 1880, p. 3).

No trecho em questão, o autor responsabiliza o governo pelos altos índices de analfabetismo. Ele argumenta que, nos períodos em que os poderes temporais e religiosos colaboravam, as ciências e as artes floresciam. Em contrapartida, ao mencionar que os poderes temporais a estariam

“expulsando-a ingrata e sacrilegamente de seus estados” - em possível alusão ao Decreto n.º 5604, de 25 de abril de 1874, que instituiu o Registro Civil e reduziu o controle eclesiástico sobre registros de nascimento, casamento e óbito -, o autor manifesta seu descontentamento com a perda de influência da Igreja, agravada pela Proclamação da República em 15 de novembro de 1889 (Decreto n. 5604, 1874).

Na publicação de 16 de novembro de 1880, “Um Catholico” mantém um tom incisivo ao chamar o ministro protestante de “pedante e cínico”, afirmando que a Igreja Católica “professa, ensina e defende a única verdadeira religião” e, portanto, não conduz ao “indiferentismo e incredulidade” mencionados por seu opositor (Diário de Pernambuco, 16 nov. 1880). Essa defesa ecoa o protesto divulgado em 11 de novembro de 1880, no mesmo jornal, em que 181 signatários - entre sacerdotes, bacharéis e leigos - expressaram indignação perante as declarações do reverendo Smith, encerrando as discussões sobre essa controvérsia religiosa na imprensa local (Diário de Pernambuco, Recife, 11 nov. 1880).

Nas décadas seguintes ao episódio do “Neophyto”, o caso foi preservado na memória institucional de grupos protestantes, sobretudo entre os presbiterianos, denominação à qual pertencia o Reverendo John Rockwell Smith. Em anos posteriores, registrou-se a reimpressão do opúsculo em diferentes regiões do país, possivelmente devido à incerteza sobre a autoria. Esse fator favoreceu seu uso como instrumento no repertório católico contra o protestantismo. Segundo Júlio Ferreira (1992), Vicente Themudo Lessa (1938) atribuíam a redação de “Perguntas Respeitosas” ao Dr. Philippe Nery Colaço, advogado e professor descrito como “católico praticante”.

Por quase vinte e dois anos, a verdadeira identidade do “Neophyto” permaneceu desconhecida. Contudo, em 1902, o Frade Capuchinho Celestino di Pedavoli declarou ser o autor do livreto, assumindo também a responsabilidade pelos textos divulgados por outros heterônimos no debate com o Reverendo Smith (A Província, 8 out. 1902). Essa revelação ocorreu em um período de intensificação dos conflitos entre católicos e protestantes após a Proclamação da República. Nesse cenário, o frade se destacou como um dos principais defensores do catolicismo em Pernambuco, combatendo a expansão protestante por meio das Santas Missões realizadas no interior do

estado e pela organização de associações religiosas, como a Liga contra o Protestantismo, fundada em Recife em 1902.

Considerações finais

Ao longo deste texto, buscou-se analisar os debates e polêmicas religiosas entre católicos e protestantes nos jornais do século XIX, com ênfase em um episódio divulgado na imprensa de Pernambuco. Esse caso envolveu o reverendo presbiteriano John Rockwell Smith e um autor inicialmente identificado como “Neophyto”, posteriormente revelado como Frei Celestino di Pedavoli, um frade capuchinho do Recife. O debate começou em 1880, desencadeado pela circulação de um opúsculo no qual o “Neophyto” dirigia quatro perguntas a seu ministro protestante.

Os jornais *Diário de Pernambuco* e *Jornal de Recife* funcionaram como principais veículos de difusão desses debates, revelando como os discursos religiosos eram moldados pelos contextos históricos e culturais específicos de cada região. Eles evidenciaram, ainda, o uso estratégico das polêmicas religiosas naquele período, que serviam tanto para defender as convicções de cada grupo quanto para criticar os adversários.

Ao longo desse embate, identificaram-se diferentes estratégias discursivas, utilizadas pelos agentes religiosos para criar significados, influenciar a opinião pública e moldar a realidade social. Entre elas, destacam-se a ironia, as perguntas retóricas, a polarização e as tentativas de aproximação dos leitores, além da deslegitimação dos opositores. Nesse sentido, as polêmicas religiosas foram mais do que simples embates verbais: constituíram mecanismos de violência simbólica e de construção de um *habitus*. À medida que um grupo religioso contestava as crenças e doutrinas do outro, reforçava e interiorizava sua própria identidade religiosa.

Os textos produzidos, tanto pelo ministro presbiteriano quanto pelo frade capuchinho, podem ser vistos como expressões materiais das visões de mundo que permeavam os grupos religiosos. Neles, é possível observar a manifestação de antiprotestantismo católico e de antiromanismo protestante, bem como o modo como esses posicionamentos se confrontavam. Outro ponto relevante é a condução dos temas debatidos ao longo das publicações: o livreto “Perguntas Respeitosas” tornou-se o eixo de

um debate teológico que alcançou proporções mais amplas, no qual cada parte buscava desqualificar a outra. Desse modo, delineia-se o real objetivo da polêmica: persuadir o público sobre uma verdade religiosa em disputa.

O exame histórico da polêmica religiosa abre possibilidades para avaliar o alinhamento de setores clericais ao projeto ultramontano, vigente no Brasil desde 1850. Além disso, torna-se importante perceber como o protestantismo enxergava aspectos da cultura brasileira, muitas vezes associados a superstição e erro doutrinal. Também se pode analisar de que forma esses discursos repercutiram em práticas culturais contrárias ao protestantismo, conforme indicam as notícias de depredação e invasão de espaços de culto, bem como a perseguição a missionários e adeptos protestantes entre o final do século XIX e o início do XX.

Referências

AGNOLIN, A. **História das religiões**: perspectiva histórico-comparativa. São Paulo: Paulinas, 2013.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **A invenção do nordeste e outras artes**. 3ª ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ALMEIDA, F. P. M. **Lauro Bretones**: um protestante heterodoxo no Brasil de 1948 a 1956. Dissertação (Doutorado em Religião e Modernidade) - Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil, 2016.

ALONSO, A. **Ideias em movimento**: a geração 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AMOSSY, R. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017.

ARÓSTEGUI, J. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Bauru/SP: EDSC, 2006.

AZZI, R.; HOORNAERT, E.; GRIJP, K. v. D.; BROD, B. **História da Igreja no Brasil, primeira época**: ensaios de interpretação a partir do povo. Petrópolis: Vozes, 1977.

BELLOTTI, K. K. "Pluralismo protestante na América Latina". In: DA SILVA, E. M.; BELLOTTI, K. K.; CAMPOS, L. S. (orgs.). **Religião e sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010, pp. 55-72.

BLUTEAU, R. **Vocabulário português e latino**. Coimbra: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, R. **O que é um autor?** revisão de uma genealogia. São Carlos: EDUFSCAR, 2012.

CIPOLINI, P. C. "A devoção mariana no Brasil". **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 40, n. 1, 2010, pp. 36-43.

GONÇALVES, C. B. **Unum Corpus Sumus in Cristo?** Iniciativas de fraternidade e cooperação protestante no Brasil (1888-1940). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: edUnB, 2001.

FAUSTO, B. **História do Brasil**. 12ª ed. São Paulo: Edusp, 2006.

FERRARO, A. R. "Analfabetismo e os níveis de letramento no Brasil: O que dizem os censos?". **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 23, nº 81, 2002, pp. 21-47.

FERREIRA, J. A. **História da igreja presbiteriana do Brasil, vol. 1**. 2ª ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992.

FILORAMO, G. **Che cos'è la religione**. Torino: Einaudi, 2004.

FOUCAULT, M. **Do governo dos vivos**. Martins Fontes: São Paulo, 2014.

HUTCHEON, L. **Uma teoria da paródia**. Lisboa: Edições 70, 1985.

LANTERNARI, V. **As religiões dos oprimidos: um estudo dos modernos cultos messiânicos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

LESSA, V. T. **Anais da 1ª igreja presbiteriana de São Paulo (1863-1903): subsídios para a história do presbiterianismo brasileiro**. São Paulo: 1ª Igreja Presbiteriana Independente de São Paulo, 1938.

LÉONARD, É. G. **O protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social**. São Paulo: Editora Aste, 2002.

MENDONÇA, A. G. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: EdUSP, 2008.

MESQUITA, F. de A. A veneração aos santos no catolicismo popular brasileiro: uma aproximação histórico-teológica. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 9, n.15, 2015, pp. 155-174.

PY, F.; PEDLOWSKI, M. A. “Pentecostalização assentada no assentamento Zumbi dos Palmares, Campos dos Goytacazes, RJ”. **Perspectiva Teológica**, v. 52, n. 3, p. 829–852, set. 2020.

REZENDE, A. P. **Recife**: histórias de uma cidade. 2ª ed. - Recife: Fundação de Cultura da Cidade de Recife, 2005.

SABBATUCCI, D. **Sommario di storia delle religioni**. Roma: Il Bagatto 1991.

SANTANA, J. G. de. **Embates da fé**: católicos e protestantes no Recife, 1860-1880. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Católica de Pernambuco, Recife, Brasil, 2007.

SANTIROCCHI, Í. D. **Questão de consciência**: os ultramontanos no Brasil e o Regalismo do Segundo Reinado (1840-1889). Belo Horizonte: Fino Traço, 2015.

SANTOS, J. M. L. **A ordem social em crise**: A inserção do protestantismo em Pernambuco 1869-1891. Dissertação (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil, 2008.

SANTOS, L. de A. **As outras faces do sagrado**: protestantismo e cultura na Primeira República brasileira. Dissertação (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Brasil, 2004.

SCHWARZ, L. M.; STARLING, H. M. **Brasil**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SILVA, E. M. da. Entre religião, cultura e história: a escola italiana das religiões. **Revista de Ciências Humanas**, v. 2, n. 2, 2018, pp. 225-234.

SILVA, P. J. da; MOURA, C. A. S. de.; SOUZA, J. R. (orgs.). **Lideranças protestantes imigrantes no Brasil**: ensaios biográficos. Recife: Ed. UFPE, 2024.

SILVA, W. B. da (org.). **Recife no século XIX**: outras histórias (1830-1890). Jundiaí: Paco, 2018.

SOUZA, E. S. de. **Cristãos em confronto**: discórdias entre intelectuais religiosos num Estado não confessional (Brasil 1890–1960). Dissertação (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Brasil, 2012.

SPONHOLZ, L. “O papel do jornalismo nas controvérsias”. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 7, n. 1, 2010, pp. 165-172.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. 2ª ed. - São Paulo: Contexto, 2023.

VIEIRA, D. G. **O protestantismo, a maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil.**
Brasília: EDUNB, 1980.